



E N T H E O R I A

Cadernos de Letras e Humanas

BREVE ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ALGUNS ELEMENTOS ÉPICOS DE *OS LUSÍADAS*, "O SENTIMENTO DUM OCIDENTAL" E *MENSAGEM*

Sônia Maria de Araújo Cintra¹

RESUMO: A relação de forças entre os elementos épicos e líricos dos três poemas, a saber, *Os Lusíadas* de Luís de Camões, "O Sentimento dum Ocidental" de Cesário Verde e *Mensagem* de Fernando Pessoa evidencia e documenta o quanto foi necessário alargar os limites da razão humana em decorrência das navegações e descobrimentos dos portugueses no século XVI, reiterando de diferentes modos a história trágico-marítima de Portugal, cantada em versos. Além do enfoque temporal, multissecular, que abrange do início à fase terminal do processo de dissolução do império, aqui sinteticamente mencionado, este texto busca apontar algumas aproximações e distanciamentos entre os referidos poemas, para ressaltar que, na história trágico-marítima portuguesa, esse alargamento da razão vem junto com outro alargamento: o alargamento da melancolia provocada pelas perdas e sofrimentos que as empresas marítimas causaram ao povo português. Em outras palavras, queremos brevemente estudar um pouco do que os une e os separa, enquanto textos poéticos. Para tanto, valeram-nos, entre outras obras, a de Jacinto do Prado Coelho e de Maria Helena Nery Garcez, os quais, além do enfoque temporal, apresentam o ponto de vista geográfico, a estrutura compositiva e elementos da linguagem poética, ora embalada pelo sopro épico ora pela narrativa lírica.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Portuguesa, Poesia, Tempo, Espaço, Linguagem.

¹ Doutoranda pela USP – Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – São Paulo – SP – Brasil – CEP 05508-010 – sonia.cintra@usp.br

ABSTRACT: The relation of strength between the epic and lyric elements of the poems *Os Lusíadas* from Luís de Camões, “O Sentimento dum Ocidental” from Cesário Verde and *Mensagem* from Fernando Pessoa shows up and documents all that was necessary to extend the limits of the human reason as a result of the great navigations and the portuguese voyages of discovery in the 16th century, reiterating different ways the maritime-tragic history of Portugal, presented in verses. Besides a spacetime focal, multisecular, which includes from the beginning to the terminal decline of the empire, in a summarized analysis, this text intends to present some approaches and gaps between these poems, to point out that, with the extension of reason, comes another extension: the extension of melancholy, caused by suffering and loss, that maritime industries had caused on those people. In other words, our purpose is to study some aspects which unit and separate those poetic texts. For this reason had been required, among others, texts from Jacinto do Prado Coelho and Maria Helena Nery Garcez with focus on time and geographical points of view, compounding structure and elements of poetry language, sometimes lulled by the epic blow, sometimes by the lyric narrative.

KEYWORDS: Portuguese literature, Poetry, Space, Time, Language.

a fluidez identitária suplanta os muros da ficção.

Lílian Lopondo ²

A relação de forças entre os elementos épicos e líricos dos três poemas, a saber, *Os Lusíadas* de Luís de Camões, “O Sentimento dum Ocidental” de Cesário Verde e *Mensagem* de Fernando Pessoa evidencia e documenta o quanto foi necessário alargar os limites da razão humana em decorrência das navegações e descobrimentos dos portugueses no século XVI, reiterando de diferentes modos a história trágico-marítima de Portugal, cantada em versos. Além do enfoque temporal, multissecular, que abrange do início à fase terminal do processo de dissolução do império, aqui sinteticamente mencionado, este texto busca apontar algumas aproximações e distanciamentos entre os referidos poemas, para ressaltar que, na história trágico-marítima portuguesa, esse alargamento da razão vem junto com outro alargamento: o alargamento da melancolia provocada pelas perdas e sofrimentos

² In: Um relato espe(ta)cular. (LOPONDO, 2011, p. 135).

que as empresas marítimas causaram ao povo português. Em outras palavras, queremos brevemente estudar um pouco do que os une e os separa, enquanto textos poéticos. Para tanto, valeram-nos, entre outras obras, a de Jacinto do Prado Coelho “D’ ‘*Os Lusíadas*’ à ‘*Mensagem*’”³ e de Maria Helena Nery Garcez “O alargamento da razão na literatura de viagens do século XVI”⁴, os quais, além do enfoque temporal, apresentam o ponto de vista geográfico, a estrutura compositiva e elementos da linguagem poética, ora embalada pelo sopro épico ora pela narrativa lírica. Nas considerações finais, uma rápida reflexão sobre a concepção mística e missionária da história portuguesa já nos faz pensar em aprofundar, num outro momento, o tema aqui proposto e pouco mais que enunciado, em futuro trabalho.

Se considerarmos que tanto Camões como Cesário e Pessoa, enquanto cantores da pátria são também cantores da ausência, poetas da memória e do apelo, e que se traduzem de modo diverso em situações divergentes pelo tempo que os distancia uns dos outros, poderemos, quiçá, alcançar uma compreensão maior do processo poético em que elementos épicos e líricos vão se constituindo em força nacional e identitária da história trágico-marítima portuguesa, na esteira do alargamento da razão e da melancolia ocidental. Neste trabalho buscamos abordar mais os elementos épicos que os líricos.

A começar por Camões épico, em *Os Lusíadas* (1572), como ressalta Jacinto do Prado Coelho, em que “predomina o elemento viril – a viagem, a aventura, o risco” (1983, p. 106), verificamos que Camões, homem de inteligência e de ação, conheceu o império português, viveu suas grandezas e misérias, procurou distinguir-se aos olhos do rei D. Sebastião, para com ele ir ao Norte de África. Em seu tempo, o império português parecia possível, havia esperança. Malgrado a sanção da aventura dos navegantes conquistadores pelo Velho do Restelo, em *Os Lusíadas*, que representa o Portugal da terra, de tradição agrária, questionar: “A que novos desastres determinas / De levar estes Reinos e esta gente/” (Canto IV, Estância 97); em oposição ao Portugal do mar, que busca sua emancipação através das aventuras e conquistas marítimas, o poeta se propunha a cantar a empresa comandada por Vasco da Gama, ocorrida quase uma centúria antes, em tom grandiloquente: “Cantando espalharei por toda a parte/ se a tanto me ajudar o engenho e a arte” (Canto I, Estância 2).

³ In: *Camões e Pessoa, Poetas da Utopia*.

⁴ In: *Revista Via Atlântica*. nº 13, 2008, pp. 219-228.

Nesse sentido, Maria Helena Nery Garcez, em seu ensaio “O alargamento da razão na literatura de viagens do século XVI”, pondera acerca de *Os Lusíadas* que o poema camoniano documenta, com sutileza, a disputa de forças entre o saber empírico e o livresco, já inflamada no tempo de Vasco da Gama, quando a experiência das navegações e das conquistas trouxe à percepção humana fenômenos e fatos nunca antes por eles observados ou experimentados. Citando a autora:

As “cousas do mar, que os homens não entendem”, como a tromba marítima, o “fogo-de-santelmo” ou “lume-vivo” e o relato da “doença crua e feia, a mais que eu nunca vi” (CAMÕES, 1985: V, 81), não só foram êxitos poéticos, mas constituíram importantes registros dos desafios que os novos fenômenos observados e vividos pelos navegantes trouxeram aos estudiosos da época. (GARCEZ, 2008, p. 221)

No texto “D’ *Os Lusíadas à Mensagem*”, inserido na obra *Camões e Pessoa, Poetas da Utopia*, Jacinto do Prado Coelho expõe, de modo claro e dialógico, em que aspectos ambos os poemas se aproximam e se distanciam um do outro, além dos quatro séculos que os separam. Embora ambos os poetas sejam cantores da pátria, são eles cantores da ausência: “Poetas do que foi ou do que poderá vir a ser” (1983, p. 106). Lá o amor se refugia na memória, cá no apelo, como veremos mais adiante. Em Camões épico outro império terreno ainda parece possível. Pessoa sobrevive na aridez dos “dias vácuos”. Faltam-lhe razões para acreditar que o rei regresse e nessa ânsia insuportável elabora a utopia a partir do símbolo. Refaz o trajeto camoniano da evocação para a invocação, abordando a essência de Portugal. Só pela palavra ilude o silêncio, o vazio, escreve seu livro à “beira-mágoa”, como lemos nos versos seguintes: “Screvo meu livro à beira-mágoa. / Meu coração não tem que ter. / Tenho meus olhos quentes de água. / Só tu, Senhor, me dás viver. (*Mensagem*, II Os Avisos – Terceiro). Entretanto, ambos os poemas se inscrevem na poética trágico-marítima portuguesa, sem esconder que o reverso da vitória são as lágrimas: “Que em choro acabará, penoso e amaro, / Porque de *mi* te *vás*, ó filho caro,” (Canto IV- Estância 90) e “Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal!” (“Mar Português” - X Mar Português).

Nesse sentido, também se insere Cesário Verde (1855-1886), quando, por exemplo, em seu poema longo “O Sentimento dum Ocidental” (1880), refere-se às varinas, vendedoras de peixe às ruas e becos de Lisboa, para própria sobrevivência. Descritas pelo poeta como hercúleas, galhofeiras, “de ancas opulentas” e “troncos varonis”, essas heróicas obreiras, cuja imagem remete tanto à coragem dos navegantes como ao desconsolo das perdas que as navegações significaram, representam, a seu modo, o “choro penoso e

amaro” e as “lágrimas de Portugal”, nos poemas acima citados: “E algumas, à cabeça, embalam nas canastras / os filhos que depois naufragam nas tormentas” (Parte I - Estrofe 10).

No período em que viveu Cesário Verde (1855-1886), Portugal estava em profunda transformação. Após o longo período da crise provocada pelas invasões napoleônicas, pelas lutas liberais, pela perda da colônia brasileira, entre outros acontecimentos históricos, que resultaram em instabilidade política e governativa, na primeira metade do século XIX, o levante militar de Saldanha (1851) introduz um período regenerador, o qual encaminha sua ação para melhoramentos materiais da cidade de Lisboa, planejados com vistas ao progresso, priorizando os meios de transporte e de comunicação, que permitiam, entre outros benefícios, o desenvolvimento da agricultura e a exportação de produtos rurais.

A par e passo com essas transformações, a Geração de 70 (Realismo-Naturalismo) coincide o regresso de Fontes Pereira de Melo (1871-1977) ao poder, e o Fontismo faz de Lisboa um imenso canteiro de obras com vistas à modernização da cidade, a exemplo de outras metrópoles europeias. Do ponto de vista político, o partido progressista irá se alternar com o partido regenerador até o fim da monarquia, sem que um ou outro soubessem resolver os graves problemas socioeconômicos do país. Lisboa conhece, então, sob a égide do Liberalismo, os problemas do rápido desenvolvimento urbano, especialmente, os que concernem à salubridade pública, com o surgimento dos surtos de peste, febre-amarela e tuberculose. Assim, o desenvolvimento capitalista revela-se em Lisboa, mais que em outras cidades europeias, caótico e grosseiro, desde o seu início. Daí a urgência do alargamento da razão, ou seja, conhecimento científico e das novas técnicas para minorar ou extinguir tamanhos males que continuamente assolam Portugal.

É nesse período que se insere a poesia de Cesário Verde. Poeta da cidade, considerado um dos maiores de qualquer tempo, ele descreve os quadros e os tipos citadinos com palavras sóbrias, denunciando, através de um lirismo renovador, as atitudes subjetivas provocadas pela vida exterior. O culto da contenção próprio da estética antirromântica, a reserva irônica e a sábia composição de seus versos, sem derrame lírico, revelam um temperamento positivo e natural. Escrever bem para Cesário era ver bem, saber selecionar e medir as impressões, realçando as linhas e os volumes por meio de alternâncias e contrastes. Assim como a cidade, o campo vive em sua obra pelos sentidos, tal desfile descontínuo das imagens corriqueiras e fortuitas. Ao deambular pelas ruas da cidade e pelos caminhos do campo, o poeta capta as impressões do real com os sentidos

apurados e o transmuta em palavras, fundando a moderna poesia portuguesa, com bases na subjetividade, no cotidiano e na originalidade.

Em “O Sentimento dum Ocidental” a aventura trágico-marítima portuguesa está presente no tempo e espaço da memória e da história às quais remetem seus versos: “E evoco, então, as crônicas navais:/ Mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado!/ Luta Camões no Sul, salvando um livro a nado!/ Singram soberbas naus que eu não verei jamais.” (Canto I – Estância 6).

Partindo do enfoque temporal, histórico, Jacinto do Prado Coelho comenta que “os poemas de Camões e Fernando Pessoa sobre Portugal situam-se respectivamente no início e na fase terminal do longo processo de dissolução do império” (1983, p.105). Aquele precedendo em oito os longos sessenta anos de domínio espanhol (1580-1640); este a presenciar, entre outras desgraças, aquela que abateu o ânimo da gente portuguesa no final dos oitocentos, o *Ultimatum* inglês (1890).

Considerando que Pessoa, ao compor os poemas de *Mensagem*, tinha no âmbito de suas referências culturais *Os Lusíadas*, e que em sua poética desaguavam rios subterrâneos de uma mitologia coletiva vinda de Camões e do humanismo quinhentista, depreende-se do cotejo entre os dois poemas, a par das afinidades sensíveis, notáveis diferenças. Sobre isso pontuamos o que se segue.

A começar pelas afinidades, Jacinto do Prado Coelho aponta para o fato de que “ambos se mostram impregnados duma concepção mística e missionária da História portuguesa” (1983, p.105). Por exemplo, D. Sebastião, em *Os Lusíadas* é tratado como o enviado de Deus para alargar a cristandade: “Vós, ó novo temor da Maura lança. / Maravilha fatal da nossa idade. / Dada ao mundo por Deus, que todo o mande / Para do mundo a Deus dar parte grande (Canto I – Estância 6). Em *Mensagem* é o próprio Portugal o instrumento de Deus: “Fosse Acaso ou Vontade, ou Temporal / A mão que ergueu o facho que luziu, / Foi Deus a alma e o corpo Portugal / Da mão que o conduziu.” (“Mar Português”, VII - Ocidente), obedecendo a História pátria a um plano oculto em que o destino cumprido ultrapassa os seus heróis, transfigurados em mitos.

Em “O Sentimento dum Ocidental”, Cesário Verde com pena realista descreve o cotidiano de Lisboa, que no poema representa Portugal, através do percurso pela cidade, do anoitecer ao amanhecer do dia seguinte. No contexto do século XIX, heróis são homens e mulheres do povo que sobrevivem a um império que já não há, desencantados. O poema, de tom melancólico, foi escrito e publicado por ocasião do tricentenário da morte do épico

e sob influência de sua magnitude. Do ponto de vista canônico, a presença de Camões se estende qual uma sombra gradativamente esmaecente sobre “O Sentimento dum Ocidental”, sendo observada nos versos “Luta Camões no Sul, salvando um livro a nado” (Parte I); “Um épico doutro ascende, num pilar” (Parte II); “Com versos magistraís, salubres e sinceros” (Parte III); “Ah! Como a raça ruiva do porvir” (Parte IV), dispostos consecutivamente nas sextas estrofes, centrais de cada uma das quatro partes de que é composto o longo poema, denotando a influência canônica, conforme nos ensina Horácio Costa, em seu artigo “CV, FP E LC: Apontamentos Sobre a Formação do Cânone da Poesia Portuguesa Moderna”, o qual está presente nas entrelinhas deste breve estudo comparativo:

Esta disposição arquitetural, seguramente projetada com extrema intencionalidade pelo poeta, pode ser interpretada, por sua vez, de duas maneiras: a primeira, como objetivamente referindo-se à efeméride do tricentenário da morte de Camões, ocorrida em 1880, ano da escritura e da publicação do poema – o que, diga-se de passagem, sobreconota o sentido da leitura que então processei e aqui recupero – e a segunda, como um possível exemplo, no cerne do cânone poético português moderno, da referida “ansiedade”, própria dos poetas sucessores em relação a seus maiores, concebida por Harold Bloom ao analisar, especificamente, a mecânica interna da poesia de língua inglesa (2009, p. 96).

Do ponto de vista geográfico há notáveis diferenças. Em *Os Lusíadas* Portugal é “qual cume da cabeça/ Da Europa” (Canto III – Estância 20), a exemplo das alegorias renascentistas que figuravam países por mulheres. Tal personificação, muito bem ilustrada pela alegoria da Europa, no Atlas Cartográfico Universal de Sebastião Münster (1544), século XVI⁵. Uma rainha com o mundo em uma das mãos e na outra o cetro, no elmo a Hispânia, no cume da cabeça Portugal. Em *Mensagem* Portugal é seu rosto: “O rosto com que fita é Portugal” (“Brasão” – Os Campos I – O dos Castelos). Tal figura remete ao soneto de Unamuno dedicado a Portugal, em que este está simbolizado por uma mulher descalça, frente ao Atlântico, com o olhar absorto em nostalgia e esperança: “*Y mira como entre agoreras brumas/ se alza Don Sebastian, rey del misterio.*”⁶. Europa sem soberba, que corresponderia mais ao Mapa Físico da Europa Moderna. Olhar esfíngico e fatal de guardiã, voltado para o Ocidente. Em “O Sentimento dum Ocidental” Lisboa representa um Portugal desolado, visto em seu cotidiano do século XIX, durante o caminhar do sujeito lírico pelas ruas da cidade, do anoitecer à antemanhã. O mapa é traçado pelos

⁵ Cópia cedida pela Professora Doutora Maria Helena Nery Garcez.

⁶ Em *Os Poetas Lusíadas* (Porto, 1919, pp. 269-270), Pascoaes transcreve o soneto, que considera o mais perfeito retrato da pátria portuguesa.

próprios passos: “Nas nossas ruas, ao anoitecer, / há tal soturnidade, há tal melancolia, / Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia / Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.” (Parte I – Estrofe1). Presente se faz referido à melancolia da história trágico-marítima de Portugal.

Fernando Pessoa – que dos três mestres de língua portuguesa elegeu Antero de Quental, Cesário Verde e Camilo Pessanha – foi ao cantor de “O Sentimento dum Ocidental”, “como ele transeunte das ruas de Lisboa e espectador desencantado do fim do império”, que dedicou a lição do *Estudo Crítico* sobre o gênio poético, a originalidade e o lusitanismo de Cesário. Datando alguns fragmentos do estudo crítico de 1911 e outros de 1923, ambos os manuscritos na maioria das páginas em português e inglês encontram-se reunidos na obra *Cânticos do Realismo e Outros Poemas – 32 Cartas*, Edição de Teresa Sobral Cunha. Sobre o gênio poético, Pessoa enfatiza: “Com Cesário se fundou entre nós a poesia objetiva, igualmente ignorada entre nós. [...] Cesário foi um revolucionário da literatura”. E sobre o sentimento, ele conclui: “O sentimento [em Cesário] é forte e sincero, mas reprimido: e é nisso que Cesário é curioso. É um português que reprime o sentimento. Tem-no, porque é português, e um português sem sentimento é cousa que não se concebe.” O reconhecimento de um gênio por outro dá-nos a dimensão de ambos os poetas na lírica moderna portuguesa, sendo aquele precursor deste.

Pertencente à geração imediatamente posterior a Cesário, Pessoa que se dizia vir a ser o “Super-Camões”, não costumava citar poetas lusitanos. Entretanto, referiu-se a Cesário Verde em prosa e poesia, e compôs sobre Cesário o poema abaixo transcrito, colhido de “Poemas Completos de Alberto Caeiro” (PESSOA, 1969, p. 205), que reflete toda a angústia de ambos:

FICÇÕES DE INTERLÚDIO / III

Ao entardecer, debruçado na janela,
E sabendo de soslaio que há campos em frente,
Leio até me arderem os olhos
O livro de Cesário Verde
Que pena tenho dele! Ele era um camponês
Que andava preso em liberdade pela cidade.
Mas o modo como reparava nas ruas,
E a maneira como dava pelas cousas,
É de quem olha para árvores, e de quem desce os olhos pela
[estrada por onde vai andando
E anda a reparar nas flores que há pelos campos...
Por isso ele tinha aquela grande tristeza
Que ele nunca disse bem que tinha,
Mas andava na cidade como quem anda no campo
E triste como esmagar flores em livros

“E pôr plantas em jarros...”

Outro ponto de contato entre Camões, Cesário e Pessoa é a estrutura compositiva, capacidade e preocupação arquitetônicas dos respectivos poemas. Jorge de Sena valorizou “o extraordinário equilíbrio construtivo que, em *Os Lusíadas*, encontramos, seja qual for o aspecto por que examinemos o poema” (1970, p. 127), tanto quanto às suas partes compositivas: (1. Introdução, dividida em Proposição, Invocação e Dedicatória, 2. Narração e 3. Epílogo), guardados os dois planos dramáticos, isto é, a viagem de Vasco da Gama e o mundo dos deuses, como quanto às estrofes em oitava rima com versos decassílabos heroicos. *Mensagem*, composto de vários poemas escritos em épocas diversas, obedece a um plano estrutural cuidadosamente pré-estabelecido. A diferença, diz Jacinto do Prado Coelho, reside no fato de *Os Lusíadas* serem pela forma e pela substância “uma epopeia clássica, narração onde enlaçam a viagem de Vasco da Gama, a comédia dos deuses e a história de Portugal analiticamente detalhada. Em *Mensagem*, os 44 poemas breves estão arrumados em três partes principais, “Brasão”, “Mar Português” e “O Encoberto”. A primeira, que tem por epígrafe *Bellum sino Bello* (Guerra sem Guerra) reproduz os elementos da bandeira nacional, e está subdividida em cinco partes: “Os Campos” “Os Castelos”, “As Quinas”, “A Coroa” e o “Timbre”. A segunda parte “O Mar Português”, composta de doze poemas, tem por epígrafe *Possessio Maris* (a posse do mar) e sintetiza os feitos e as conquistas marítimas, seus heróis e riscos, encerrando-se em “Prece”: “E outra vez conquistemos a Distância - / Do mar ou outra, mas que seja nossa!”. E a terceira e última parte, “O Encoberto”, cuja epígrafe é *Pax in Excelsis* (Paz nas Alturas), é subdividido em “Os Símbolos”, “Os Avisos” e “Os Tempos”. Tudo denota a preocupação do poeta com a forma arquitetural moderna, de síntese.

A estrutura compositiva de “O Sentimento dum Ocidental” é elaborada em quatro partes, a saber: I – “Ave-Marias”, II – “Noite Fechada”, III – “Ao Gás”, IV – “Horas Mortas”, e consoante à descrição da passagem do entardecer à antemanhã, sintetizando em um dia a viagem do poeta andarilho pelas ruas da cidade. Os próprios subtítulos das 44 estrofes que compõem o poema, divididas exatamente em 11 estrofes cada parte, reforçam a ideia da preocupação formal, embora de outro modo que não o das tradicionais oitavas camonianas. Os quartetos, eleitos por Cesário Verde, trazem um arranjo mais popular a seus versos que o tom elevado das oitavas da epopeia camoniana. Pessoa organiza os 44 poemas breves em três partes, Cesário organiza 44 versos em quatro partes.

Quanto à métrica, Cesário mantém apenas o primeiro verso de cada estrofe decassílabo, completando-a com outros três alexandrinos, por todo o poema, o que lhe atribui novo ritmo, quais longas passadas que enfatizam o caminhar pelas ruas de Lisboa: “E saio. A noite pesa, esmaga”; “Longas descidas! Não poder pintar / Com versos magistrais, salubres e sinceros,” (Parte III - Estrofes 1 e 6). Pessoa utiliza metros variados, conforme estrofe ou verso, alternando curtos e longos, como é o caso em: “A vida é breve, a alma é vasta: / Ter é tardar.” (“Brasão” I - Os Campos – Segundo - O das Quinas), ou, às vezes, opta pela isometria, como é o caso das redondilhas maiores: “Volve a nós teu rosto sério, / Princesa do Santo Gral, / Humano ventre do Império, / Madrinha de Portugal!” (II “Os Castelos” – Sétimo (II) - D. Filipa de Lencastre).

As rimas, distintas nos três poemas, merecem estudo à parte, a ser aprofundado em outro momento, denotam, de modo geral, o rigor clássico em Camões (a/b/a/b/a/b/c/c), o molde parnasiano dos sons intercalados que remetem à primeira estrofe dos sonetos clássicos, retomados nos século XIX, em Cesário (a/b/b/a); e o moderno em Pessoa, dada sua variedade, como, por exemplo, em “D. João, Infante de Portugal”, nas palavras finais dos versos que compõem as duas estrofes do poema: “estreita”/ “pares”/ “eleita”/ “parada” / ”mares”/ “isto”/ “desfeita” / “nada” (a/b/a/c b/d/a/c).

Nos três poemas observamos a presença de *enjambements* e epifonemas, de timbres agudos e graves, rimas masculinas, fortes, oxítonas, a contrastar com rimas femininas paroxítonas, conotando respectivamente o andamento, a leveza ou o peso daquilo que se está a dizer, o que sugere a intensidade dramática e o alto teor poético de cada um deles. Camões, em seu canto clássico, exalta as glórias nacionais, primando pela narrativa de feitos concretos dos portugueses; Cesário, com seu desencanto realista do cotidiano, busca a grandeza da Pátria, perdida; e Pessoa, em tom messiânico, quer a redenção de Portugal.

Quanto à linguagem, tanto Camões como Cesário e Pessoa usam o processo da descrição sucessiva, fragmentária, de figuras-padrão. No discurso, esta técnica se verifica na “explicação” detalhada das bandeiras por Paulo da Gama ao Catual e no relato feito por Gama da história de Portugal ao Rei de Melinde. No detalhismo sensorial presente em “O Sentimento dum Ocidental”, que apela à visão, audição, olfato, paladar e tato, para descrever Lisboa, como, por exemplo, nos versos que se seguem “O céu parece baixo e de neblina / O gás extravasado enjoa-me, perturba;” Batem os carros de aluger, ao fundo;” (Parte I - Estrofes 2 e 3), que conotam melancolia e desencanto. Em *Mensagem*, elas estão presentes, principalmente, nos retratos morais que se filiam a epigrama ou inscrição

tumular dos clássicos. Por exemplo, comparando a figura de Viriato, que no camoniano é apenas descrição laudatória: “Este que vês, pastor já foi de gado; / Viriato sabemos que se chama, / Destro na lança mais que no cajado” (Canto VIII-6), posta em confronto com a do poema pessoano, constatamos que Viriato prefigura o que havia de vir: “Teu ser é como aquela fria/ Luz que precede a madrugada, / E é já o ir a haver o dia / e a antemanhã, confuso nada (“Brasão” II – Os Castelos – Segundo). O indivíduo se apaga em favor do ente metafísico chamado Portugal. Elementos descritivos e narrativos ficam obliterados perante o símbolo. Tal também pode ser observado no poema de Cesário, de modo outro, quando assim se refere a Camões: “Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras, / Um épico doutro ascende, num pilar!” (Parte II – Estrofe 6), que acentua o tempo de glória, passado, na palavra “doutro”.

Ainda sobre afinidades entre as duas obras, Antonio José Saraiva assinala que já no poema camoniano “há uma tendência abstratizante” sobre a ideia de pátria, fora da história. Pessoa nesse sentido vai mais longe pois possui a faculdade de ver símbolos em tudo, ou seja, o “senso heráldico”, nas palavras de Cesare Pavese. Os heróis de *Mensagem* funcionam como símbolos, pois são portadores de significativa carga alegórica nacional. O assunto de *Mensagem* é a essência de Portugal e a sua missão por cumprir. Dentre as críticas que Pessoa tece a *Os Lusíadas* está a “falta dum pensamento”. Já *Mensagem* reduz a um pensamento as personagens da história nacional. Em “O Sentimento dum Ocidental” de Cesário, poema mediador entre os outros dois, é o cotidiano da cidade lisboeta que impera e remete ao passado da memória e da história, em tom melancólico, desiludido quanto ao presente e ao futuro, que ecoa o pessimismo da fala do Velho do Restelo sobre o Portugal abandonado e empobrecido: “Dó da miséria!... Compaixão de mim!...” (Parte III-E. 11), e projeta a vontade de transcendência de Pessoa, em “Os Tempos”: “É a Hora!”.

Outras questões a serem abordadas nesse breve estudo comparativo são o sopro épico e a narrativa lírica. A semelhança entre os dois poemas, *Os Lusíadas* e *Mensagem*, pode ser constatada no tratamento de elevação ao rei D. Dinis. Camões, em três oitavas narra seu reinado pacífico e próspero, a fundação da Universidade e sua transferência para Coimbra, a promulgação de novas leis, a reforma física do país: “Com edifícios grandes e altos muros” (Canto III, Estâncias 96-98). Ele não menciona o pinhal de Leiria. Em *Mensagem* tal feito (semear o pinhal) é constituído de relevo pelo valor simbólico. D. Dinis é o “plantador de naus a haver” (“Brasão” – Os Castelos II – Sexto). Ele encarna outro momento secreto da história de Portugal, como instrumento duma vontade transcendente; prepara de longe o Império: “É o

rumor dos pinhais que, como um trigo / De Império, ondula sem se poder ver.” (*Idem, Ibidem*). Já Cesário Verde, no poema “O Sentimento dum Ocidental”, conota o rebaixamento do reino e do épico português, pela descrição da paisagem, em que as árvores são citadas pela exiguidade ou ausência, como, por exemplo, nas expressões seguintes: “exíguas pimenteiras” (Parte II – Estrofe 6) e “sem árvores” e (Parte IV – estrofe 7), conotando desânimo e decadência, falta de vitalidade e de naus, com tudo o que elas representam na história das conquistas marítimas de Portugal.

No sopro épico que perpassa “Mar Português”, Pessoa dá a réplica a *Os Lusíadas*. Do mesmo modo que o Adamastor, em “O Mostrengo” opõe à hostilidade da Natureza a energia dos portugueses: “Sou um Povo que quer o mar que é teu;” – dirá ao Mostrengo o homem do leme. E o tópico da vantagem dos portugueses aos navegadores da Antiguidade é retomado, embora em diferente registro: “Que o mar com fim será grego ou romano:/ O mar sem fim é português.” (“Mar Português”- III Padrão).

Como em *Os Lusíadas*, o épico pessoano integra em claro-escuro da história trágico-marítima, em que “o reverso da vitória são as lágrimas” (COELHO, 1983, p. 109): “Ó mar salgado, quanto do teu sal/ São lágrimas de Portugal”. (“Mar Português” – X Mar Português). Entretanto, Pessoa não canta, como em Camões, a expansão terrena, nem a guerra contra os infiéis, nem a morte de Inês de Castro. Sua inspiração não é católica, apostólica romana, afirma o autor, e seu “Deus” equivale aos “deuses” em Ricardo Reis, tenta explicar. A atitude dos heróis de *Mensagem* é contemplativa e expectante: “Com fixos olhos rasos de ânsia/ Fitando a proibida azul distância”. Nas palavras de J. P. Coelho, “esta atitude significa uma ânsia metafísica, a busca duma Índia que não há.” (1983, p. 109).

Aqui verificamos o afastamento em relação a *Os Lusíadas* em que, concretizada a viagem à Índia, os navegantes empreendem o retorno à Pátria. Entretanto no tom de Camões, ao final de *Os Lusíadas* há concreto pessimismo ante a pátria decadente: “No mais, Musa, no mais, que a Lira tenho/ Destemperada e a voz enrouquecida,” (Canto X –o Estância 145), por perceber a pátria metida “no gosto da cobiça e na rudeza”. Em *Mensagem* o tom é questionador: “Senhor, falta cumprir-se Portugal.” (O Infante) A despedida “*Valete, frates*” sugere um projeto ocultista de fraternidade universal entre os homens. Em contraste com *Os Lusíadas*, *Mensagem* propõe o imaginário. Resta saber, como questiona Jacinto do Prado Coelho, até que ponto o imaginário é “susceptível de transformar o leitor enquanto homem e ‘lusíada coitado’, e em que medida o projeto de Pessoa visa a além do simples divertimento estético” (1983, p. 110).

Nos últimos versos do poema “O Sentimento dum Ocidental” à expressão do desânimo e da melancolia segue-se o esforço da busca: “A Dor humana busca os amplos horizontes,/ E tem marés, de fel, como um sinistro mar!” (IV-11). Se em Camões a viagem às Índias se concretiza, em Cesário nova busca se insinua, em Pessoa esse ideal se transfigura: “É a Hora!”, verso final de *Mensagem*, seguido da expressão “*Valete, Frates.*”, saudação que convida à reação de Portugal no sentido universal. Podemos, talvez, pensar, considerando os três poemas, que há um movimento de ascensão e queda, em Camões; de queda e busca, em Cesário; e de esforço de transcendência, em Pessoa.

Ao buscarmos estabelecer esta breve comparação entre alguns elementos épicos de *Os Lusíadas*, “O Sentimento dum Ocidental” e *Mensagem*, depreendemos dos textos lidos e analisados, por enquanto, o que resumidamente colocamos a seguir. Em Camões épico predomina o elemento viril: a viagem, a aventura, o risco. Em Pessoa o feminino olhar contempla, fita o indefinido. Camões conhece o império português no concreto de suas grandezas e misérias. D. Sebastião é de carne e osso. O Velho do Restelo sanciona a aventura marítima e o próprio Camões prepara-se para cantar a “nova empresa”. Já em *Mensagem* D. Sebastião, elaborado pelo sebastianismo e pela humilhação do domínio espanhol é o Encoberto, o Desejado, uma sombra, um mito. Citando Jacinto do Prado Coelho: “Em Camões, memória e esperança põem-se no mesmo plano. Cantando a Viagem de Gama, Camões, homem de ação e inteligência, mostrou ao rei seus préstimos, na ânsia de que este o levasse consigo na conquista do Norte da África” (1983, p. 109). Em Pessoa, não, porque o objeto da esperança se transferiu para o sonho, a utopia, e daí uma concepção diferente de heroísmo. O processo é lírico-dramático, pois Pessoa se identifica com os heróis de *Mensagem*, neles se desdobra. A demanda tem finalidade em si própria: “atingir é estagnar, ser vencido”. Esta a lição do “Encoberto”. Revivendo a fé no Quinto Império (o da Língua portuguesa) superior ao império terreno, Pessoa “inventou uma razão de ser, um destino, fugindo à angústia de um cotidiano absurdo, expresso por ele e por Álvaro de Campos”, bebendo provavelmente na fonte da poesia realista expressa pelo não menos genial Cesário Verde em “O Sentimento dum Ocidental”, poema longo composto por ocasião do tricentenário da morte de Camões, 1880, que termina com os versos: “E, enorme, nesta massa irregular/ De prédios sepulcrais, com dimensões de montes,/ A Dor humana busca os amplos horizontes,/ E tem marés, de fel, como um sinistro mar!” (Parte IV – Estrofe 11).

O poema realista acima citado nos leva a pensar que entre Camões e Pessoa, há Cesário Verde; e que entre *Os Lusíadas* e *Mensagem* há “O Sentimento dum Ocidental”, a

uni-los e a separá-los, na mesma toada poética trágico-marítima portuguesa em que se inscrevem os referidos poemas, ou seja, sem esconder que o “reverso da vitória são as lágrimas”, embora de outro modo. Aqui cabe retomar a reflexão de Garcez acerca do alargamento da razão do homem europeu, que resulta na melancolia em “O Sentimento dum Ocidental” de Cesário, e que Pessoa propõe transcender em *Mensagem*. Citando:

Mas, e principiamos agora a tratar da contrapartida, no decorrer de todo esse longo processo, a esses descobridores, navegantes, comerciantes, administradores, missionários, funcionários, colonizadores e aventureiros, não lhes terá acontecido, como ao Gama, de quem mais de uma vez se afirma: “não lhe sucedeu como cuidava” (CAMÕES, 1985: I, 44; II, 70)? (GARCEZ, 2008, pp., 222-223).

Em Jacinto do Prado Coelho encontramos uma possível resposta, quando ele diz que “Em contraste com o realismo *d’Os Lusíadas* (ou do que realista em Camões se pretende), a *Mensagem* reage pela ativa rejeição a um “real” oco, absurdo, intolerável, propondo-nos em seu lugar a única coisa que vale a pena: o imaginário.” (1983, p. 110). Entretanto, em tal afirmativa, o autor não inclui a realidade substancial do cotidiano e essencial da busca “de amplos horizontes” que Cesário Verde expressa em “O Sentimento dum Ocidental”, fazendo de tal poema, na esteira remanescente do grande épico, uma plataforma para a transcendência proposta por Pessoa em *Mensagem*: “*Valete, frates.*” Nas palavras de Haquira Osakabe, “descomunal esforço pessoano no sentido de fazer de si e de Portugal uma resposta à altura da constatação de que ‘compra-se a glória com a desgraça’” (In: PESSOA, 2011, texto de “orelha” do livro).

De certo modo, podemos concluir que, se a epopeia renascentista de Luís de Camões, dentro da tradição épica, concorre com as da Antiguidade Clássica, ela também fixa em arte o decisivo momento histórico da transição do mundo ocidental para a Idade Moderna; que no poema longo de Cesário, precursor da poesia portuguesa moderna, ele dialoga com elementos “épicos” para expressar poeticamente a “epopeia” de seu tempo; que o poema “épico” de Fernando Pessoa – cronologicamente situado no modernismo – supõe *Os Lusíadas*, constrói-se sobre ele, embora não o mencione, e busca a transcendência, o Quinto Império. Cada um deles, portanto, apresenta sua própria compreensão da geografia e da história portuguesa e de seu papel no contexto universal e ideário mítico expresso através da estrutura compositiva e da linguagem poética, o que oferece interpretações múltiplas a serem analisadas e discutidas. Nessa perspectiva, o breve estudo sobre a leitura dos três poemas aqui proposta é agraciada com nova luz que a epígrafe de Lílian Lopondo “a fluidez identitária suplanta os muros da

ficção” lança sobre ela, descortinando outras possibilidades de reflexão, ou seja, alargando os horizontes da literatura em todos os sentidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. 4ª ed. Org. Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, 1980.
- CARVALHO, Joaquim Barradas de. *O Renascimento Português (Em busca de sua especificidade)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1980.
- CINTRA, Sônia M. de A. *Relações Espaciotemporais na Obra Poética de Cesário Verde: Fragmentação e Busca de Totalidade*. Dissertação de Mestrado. DLCV/USP, 2009.
- CIRURGIÃO, ANTÓNIO. *Leituras Alegóricas de Camões - e outros estudos de literatura portuguesa*. 1972.
- COELHO, Jacinto do Prado. Portugal imaginário e verdadeiro na poesia portuguesa. In: *Camões e Pessoa, Poetas da Utopia*. Portugal: Publicações Europa-América, 1983, p.129-134.
- _____. D' 'Os Lusíadas' à 'Mensagem'. In: *Camões e Pessoa, Poetas da Utopia*. Portugal: Publicações Europa-América, 1983. p. 105-110.
- COSTA, Horácio. "CV, FP e LV: Apontamentos sobre a formação do cânone da poesia portuguesa moderna". In: FERNANDES, Annie G.; SILVEIRA, Francisco M. *A literatura Portuguesa: Visões e Revisões*. São Paulo: Ateliê Editora, 2009.
- CUNHA, Teresa Sobral. *Cânticos do Realismo e Outros Poemas – 32 Cartas*. Lisboa: Relógio D'Água editores, 2006.
- GARCEZ, Maria Helena Nery. "O alargamento da razão na literatura de viagens do século XVI". In: *Via Atlântica*. São Paulo, Área de estudos Comparados de Literaturas de Língua portuguesa da FFLCH-USP, nº. 13, 2008, p. 219-230.
- _____. "A posição de *Os Lusíadas* na evolução do conceito de destino na epopeia". In: *Língua e Literatura*, 2, FFCH-USP, São Paulo, 1973.
- _____. "Do desconcerto e do concerto do mundo em *Os Lusíadas*." In: *Revista Camoniana*, 2ª série, 5, São Paulo, FFLCH-USP, 1989.
- LOPONDO, Lílían e ALVAREZ, Aurora G. R. (Org.). *Leituras do duplo*. São Paulo: Universidade presbiteriana Mackenzie, 2011.
- LUCAS, Fábio. "Transforma-se o Poeta em poesia. In: *Actas da V Reunião Internacional de Camonistas*. SP: FFLCH-USP, 1987, p. 595-611.
- MARTINS, J. P. Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa: Guimarães editores, 1991.
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Org. Fernando C. Martins. SP: Cia das Letras, 2011.

_____. *Obra Poética*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1969.

RAMALHO, António da Costa. Sobre ‘O Mostrengo’ de Fernando Pessoa. In: *Fernando Pessoa - Mensagem – Poemas Esotéricos*. Edição Crítica coordenada por José Augusto Seabra, 1ª. ed. , Madrid: Coleção Archivos, 1993.

SARAIVA, António José. Função e Significado do Maravilhoso n’ *Os Lusíadas*. In: *Actas da V Reunião Internacional de Camonistas*. SP: FFLCH-USP, pps129-134.

SARAIVA, José Hermano. *História Concisa de Portugal*. 5ª ed. Lisboa: 1979.

SENA, Jorge de. *A Estrutura de “Os Lusíadas”*. Lisboa, 1970.

SÉRGIO, António. As duas principais atividades econômicas. A política de fixação e a política do transporte. In: *Breve Interpretação da História de Portugal*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978, p. 24-26.

_____. Revolta da burguesia em Lisboa; Vitória da revolução burguesa sobre o rei de Castela e a aristocracia rural; A vitória da revolução burguesa prepara a missão histórica de Portugal. In: *Breve Interpretação da História de Portugal*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

SERRÃO, Joel. *Obra Completa de Cesário Verde*. 8ª ed. Lisboa: Horizonte, 2003.

VERDE, Cesário. *A Obra Completa de Cesário Verde*. 8ª ed. Org. Joel Serão. Lisboa: Horizonte, 2003.